

Jornal da Tarde

12/7/1986

“E aí começaram a vir os tiros, muitos tiros”.

Fernando Portela

Quem matou o bóia-fria Orlando Correia, de 22 anos, e a doméstica Cibeles Aparecida Manuel, de 16 anos?

Se depender de provas testemunhais, a Polícia Militar está seriamente comprometida. São centenas de pessoas — das 800 a mil que participaram de piquetes, no bairro Nova Santa Rita, Leme — que certamente contarão a mesma história: após a remetida da tropa de choque sobre os piqueteiros, os policiais que davam cobertura à tropa, postando-se atrás dela, começaram a atirar sobre a multidão, como que enlouquecidos.

Isso é repetido por José Luís Silva, Antônio Queirós, Carlos Santos e dezenas de trabalhadores rurais que presenciaram a violência, alguns levantando a camisa para mostrar a marca dos cassetetes.

Esta é também a versão de dois dos feridos — Antônio Quirino Lopes e Valdemir Donizete Rosa, ambos com 22 anos. Deitados num quarto da Santa Casa local, os dois baleados no braço esquerdo, eles acusam formalmente a polícia, repetem a versão unânime:

— Nós estávamos lá, esperando os caminhões do pessoal que ia trabalhar. E muitos caminhões passaram, a gente só xingava, a gente gritava "puxa-saco! puxa-saco!" Havia um caminhão de policiais de Pirassununga, todos com os capacetes na cabeça. Foi o pessoal desse caminhão, quando desceu, que começou a dar tiros para o ar. Eles gritavam para nós: "filhos da puta"! E a gente repetia: "filhos da puta!" E aí começaram a vir os tiros, muitos tiros, uns dez minutos de tiros.

A tropa de choque não atirou, é o que Valdemir Donizete, o mais falante, deixa bem claro. E os tiros vieram mesmo de trás, da segunda linha de policiais.

E aí, ele continua: "O pessoal começou a atirar de volta pedras e paus em cima de todos eles. Mas enquanto atiravam pedras, começaram a cair. Eu joguei umas três pedras, uma delas quebrou o pára-brisa do caminhão dos puxa-saco".

Valdemir Donizete Rosa, um bóia-fria que nem sabe o que é PT, apenas entende que o sindicato, ao qual é filiado, é uma coisa importante, estava mais revoltado com a reação da polícia do que com seu próprio azar:

— Os turmeiros diziam pra gente que era pra gente entrar na usina, que ela já estava pegando o que a gente queria. É mentira! E depois, nenhum de nós tinha arma. É covardia atirar com arma, quando a gente só tinha pedra, e mesmo assim não usou, antes dos tiros.

Da greve ele também não entende muito. O que sabe é que a usina paga de Cz\$ 700 a 800 por semana, mas ele só recebe de Cz\$ 200 a 300.

— Pouca gente que estava junto comigo acreditou que a polícia atirava de verdade! “É tiro de festim”, o pessoal dizia. E eu: "Que nada, é bala mesmo". As balas ricocheteavam nos trilhos, e as pessoas iam caindo, eu pensei na hora que elas caíam porque tropeçavam na rua, mas não estavam feridas.

Os dois feridos não conhecem nem os deputados federais envolvidos, nem outros membros do PT. Mas as balas não poderiam ter vindo de outro lugar?

— Não, não — Donizete é enfático. — Quem atirou em nós foi o policiamento.

(Policiamento é o terno que ele usa para diferenciar a tropa de retaguarda da tropa de choque; policiamento é a tropa que se posicionava atrás.)

— Eu acho que levei duas balas no mesmo lugar, aqui no braço. Quando eu caí, o povo já estava ficando bobo por causa do gás (lacrimogêneo).

A Polícia Militar também é acusada com a mesma versão, pelo deputado federal petista José Genoíno Neto. O que ele diz é repetido por Djalma Bom, também deputado federal, o estadual Anísio Batista e o candidato a vice-governador pelo PT, Paulo Azevedo. Todos estão feridos de cassetetes, e insistiram na delegacia, depois de presos, para serem submetidos a exames de corpo de delito, segundo afirmam.

De acordo com o depoimento dos deputados e dirigentes do Partido dos Trabalhadores e bóias-frias que se envolveram com a briga, a greve de Leme está usando piquetes há dez dias, e a polícia comparecera por duas vezes, na segunda e na quinta-feira, mas só ameaçara os trabalhadores.

Ninguém esperava a violência de ontem de madrugada. Eles afirmam que os turmeiros ou gatos andam armados, supervisionando os ônibus com os trabalhadores que o aderiram à greve, mas nenhum deles aponta os gatos como responsáveis pelos tiros. Foram, segundo Genoíno, milhares de tiros e ele considera um milagre que apenas dois tenham morrido.

Segundo as contas do PT, são 26 feridos, quatro dos quais a bala e internados na Santa Casa; e os dois mortos. A Santa Casa, através do administrador José Roberto Rosário, dá o mesmo número.

O deputado Genoíno ontem pedia aos seus companheiros que não o abraçassem; o seu corpo está moído de cacetadas e ele não admite sequer discutir a hipótese de que começou a atirar:

— Todo mundo viu o que aconteceu, até mesmo a polícia. Minha bolsa foi revistada, eu próprio fui revistado, e não me encontrava em nenhum automóvel, estava no meio do povo.

O deputado chegou a Leme às quatro da manhã, e foi imediatamente acompanhar os trabalhos no piquete. Segundo ele, os bóias-frias justamente ontem parecia menos agressivos em seus xingamentos aos colegas que preferiam trabalhar. Tanto que passaram cerca de dez ônibus em direção à usina. A tropa de choque chegou, com a sua retaguarda, por volta das 5h10. Às 5h30, a tropa se perfilou defronte a praça. E começou a usar os cassetetes e as bombas de gás. Ainda segundo o deputado, os trabalhadores evitaram postar-se em frente aos ônibus. Apenas xingavam os colegas. Por isso ninguém entendeu por que a polícia começou a espancar, com a tropa de choque, e em seguida a atirar, com os policiais que vinham de trás. Nesse momento, ele, Djalma Bom e os outros dirigentes petistas correram para o outro lado da estrada de ferro, e começaram a recolher os feridos. O deputado foi direto para a Santa Casa.

Às sete da manhã, ainda segundo seu relato, chegou a tropa de choque e tentou invadir o hospital. Quem não permitiu foi o vice-prefeito da cidade, o peemedebista Cláudio Faccioli. Mas quando Cláudio se afastou, a tropa entrou e prendeu os deputados e os outros dirigentes no saguão de entrada da Santa Casa. Genoíno, Djalma Bom e os outros foram jogados num camburão. Genoíno observa que foi puxado pelos cabelos. Diz:

— Alguém se lembra que o processo contra o general Newton Cruz começou quando ele mandou prender dois deputados federais? Agora isso se repetiu. Vamos entrar com um recurso

contra o governo do Estado. Ontem (quinta-feira), às 22h30, o secretário Muylaert, da Segurança, garantiu que não haveria violência em Leme, que a PM não iria bater. O governo estadual vai ter que responder por tudo isso.

O deputado continua: negou-se a oferecer sua bolsa para revistas sem o testemunho do vice-prefeito. Desconfiava que alguém poderia jogar alguma coisa lá dentro. Isso ele conseguiu. Mas não pôde se opor à revista pessoal. E na delegacia para onde foi levado junto com os petistas, e onde permaneceu até o meio-dia, exigiu um exame de corpo delito que, segundo ele, foi feito.

Os demais dirigentes de PT, como o vice-presidente Jacob Bittar, que surgia em Leme após os acontecimentos, mostravam-se indignados com o governo estadual e também com o Ministério do Trabalho. O que os bóias-frias de Leme pedem é a reivindicação básica de Guariba, ou seja, a cana deve ser medida por metro cúbico e não por tonelada. É uma forma, para eles, de avaliar melhor o produto do seu trabalho. Há três grandes usinas na região de Leme, Araras, Conchal e Mogi Guaçu, totalizando 12 mil trabalhadores. Greves idênticas acabaram de fracassar nas outras cidades da região, mas Leme detém a maioria dos trabalhadores — oito mil — que está resistindo. A maior usina da região é a Crisciumal. Foi às suas portas que a violência de ontem aconteceu.

Ontem, às 5 da tarde no estádio municipal Hilário Arden, em Leme, os bóias-frias se reuniram, por menos de uma hora, para ouvir as lideranças. Na platéia, muita revolta. Havia cerca de 500 pessoas. Na cidade, muito medo da polícia, e uma certa perplexidade porque a violência não é muito comum por aqui. De um modo geral, as pessoas estão convencidas de que a polícia foi a culpada pelos mortos e feridos.

Na platéia, o comentário mais comum, entre os bóias-frias referia-se a uma frase que teria sido dita por Ruy Sousa Queiroz Castro, dono da usina Crisciumal, numa reunião entre trabalhadores e empresários:

— Leme está precisando de um banho de sangue.

"Ele conseguiu o banho de sangue", repetiam os indignados trabalhadores.

O bispo de Leme, dom João Fernando Legal, proferiu palavras santas, pedindo calma e hipotecando solidariedade aos bóias-frias, e anunciando para hoje, às 10 da manhã, uma missa de corpo presente com as vítimas da violência. Todos rezaram um Pai Nosso pelos mortos e prometeram não fazer piquetes hoje. Dom Legal pediu insistentemente aos trabalhadores que fossem para suas casas e não aceitassem provocações.